



## **Imprensa e Política na Belém do início do século XIX (1820-1830)<sup>1</sup>**

Phillippe Sendas de Paula FERNANDES<sup>2</sup>  
Netília Silva dos Anjos SEIXAS<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

### **Resumo**

A partir de pesquisa bibliográfica, documental e de conteúdo, buscou-se analisar a configuração dos principais conteúdos de alguns jornais impressos na capital paraense nas décadas de 1820 e 1830, em que se observou a presença constante da temática política e religiosa. Diante da quantidade de jornais editados e impressos em Belém no período específico, os critérios de seleção foram a relevância, a periodicidade dos jornais e a disponibilidade do acervo para consulta. Desse modo, fazem parte da análise algumas edições de *O Paraense* (1822), *A Voz das Amazonas* (1827), *O Sagitário* (1829), *A Sentinella Maranhense na Guarita do Pará* (1834) e o *Treze de Maio* (1840). É inevitável não destacar a evidente e estreita ligação entre a imprensa e a política naquela época.

**Palavras-chave:** história, imprensa paraense, política, configuração de conteúdo

### **Introdução**

Este artigo faz parte do projeto de pesquisa *Jornais Paraoaras – percurso da mídia impressa em Belém*, desenvolvido na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA), constituindo-se em um recorte desse projeto maior. Os primeiros jornais editados em Belém tinham uma configuração gráfica e editorial bastante diferente dos jornais atuais, o que se observava também do ponto de vista do conteúdo. A proposta deste estudo, então, é discutir a configuração dos principais conteúdos de jornais publicados no início da mídia impressa de Belém, observando a influência do ambiente político no posicionamento editorial.

O estudo recorreu à pesquisa bibliográfica, documental e de conteúdo, analisando jornais impressos na capital paraense nas décadas de 1820 e 1830. Diante da quantidade de jornais editados e impressos em Belém no período delimitado, um total

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao IJ-1 (Jornalismo), do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação Científica Ações Afirmativas da Universidade Federal do Pará, graduando do 3º semestre em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. E-mail: [psendas7@hotmail.com](mailto:psendas7@hotmail.com) ou [psendas7@yahoo.com.br](mailto:psendas7@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho, coordenadora do projeto de pesquisa *Jornais Paraoaras – percurso da mídia impressa em Belém*, doutora em Letras, jornalista e professora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará. E-mail: [netilia@ufpa.br](mailto:netilia@ufpa.br) ou [netilias@uol.com.br](mailto:netilias@uol.com.br).



de 40, os critérios de seleção foram a relevância, a periodicidade dos jornais e a disponibilidade do acervo para consulta. Desse modo, fazem parte da análise algumas edições de *O Paraense* (1822), *A Voz das Amazonas* (1827), *O Sagitário* (1829), *A Sentinella Maranhense na Guarita do Pará* (1834) e o *Treze de Maio* (1840).

A história da mídia na Amazônia, neste caso, da mídia impressa (jornais), tem a necessidade de ser estudada de uma maneira mais profunda e, principalmente, organizada. O artigo pretende contribuir para o estudo da história da imprensa no Pará, sob uma perspectiva da Comunicação.

## 1. Os primeiros anos de imprensa no Pará

Em 1808, com a chegada da família real e da corte portuguesa ao Rio de Janeiro, o então Príncipe Regente Dom João VI ordenaria a criação de um órgão que publicasse os atos do governo, agora sediado no Brasil. No dia 10 de setembro daquele ano, publicava-se a *Gazeta do Rio de Janeiro*, inaugurando a imprensa no país. Gomes (2009) caracteriza a atuação do primeiro jornal publicado no Brasil, baseando-se nas declarações do historiador John Armitage e do jornalista Hipólito da Costa:

A Gazeta do Rio de Janeiro (...) só imprimia notícias favoráveis ao governo. “A julgar-se o Brasil pelo seu único periódico, seria um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado uma só crítica ou reclamação”, observou o historiador John Armitage. Hipólito da Costa, que lançou o seu *Correio Braziliense* em Londres três meses antes da estréia da *Gazeta do Rio de Janeiro*, reclamava de se “gastar tão boa qualidade de papel em imprimir tão ruim matéria” e que “melhor se empregaria se fosse usado para embrulhar manteiga”. (GOMES, 2009, p.195).

Na região amazônica, catorze anos depois, surge o primeiro jornal editado e impresso em Belém, *O Paraense*, com a sua primeira edição publicada no dia 22 de maio de 1822.

Quando a imprensa brasileira completou 100 anos, um catálogo de jornais que circularam entre 1822 e 1908, na capital e no interior do Estado do Grão-Pará, registrava o expressivo número de 730 jornais (BELLIDO, 1908), “dos quais 722 foram impressos em português, quatro em espanhol, três em italiano e apenas um em francês” (FIGUEIREDO, 2008, p.37).

Antes mesmo da publicação do primeiro número de *O Paraense*, destaca-se a iniciativa de João Francisco Madureira, o responsável pela primeira experiência tipográfica em Belém, ainda no ano de 1820. Com o seu requerimento aprovado pela



Junta de Governo Provisional, a rústica oficina de Madureira imprimia apenas pequenos avulsos, como identifica o pesquisador Carlos Rizzini (*apud* SODRÉ, 1966, p. 41).

A mídia impressa no Pará, na década de 1820, apresenta características diversas, seja pela linha editorial assumida, seja pelas limitações técnicas na configuração gráfica dos jornais. Naquela época, os jornais tinham uma intensa relação com a política. Por esse motivo, era necessário desenvolver uma maneira com que os periódicos alcançassem um maior número de pessoas – apesar de haver uma pequena parcela de letrados –, e também que a prática não demandasse tantos gastos. No entanto, sabe-se que produzir um jornal, naquele contexto, era um serviço raro e caro. O historiador da Universidade Federal do Pará Aldrin Figueiredo, considerando as informações de Magda Ricci, apresenta uma visão geral da forma como os jornais nas décadas de 1820 e 1830 se propunham:

Magda Ricci, que tem especializado-se no tema, afirma que tais panfletos eram, antes de tudo, folhas volantes, de não mais de quatro ou cinco páginas do tamanho de um pequeno caderno, mandadas imprimir na forma de libelos políticos desta ou daquela facção (...). O que existia, em suma, era uma outra idéia de jornal, com uma lógica muito própria, baseada principalmente nos debates da política. (FIGUEIREDO, 2008, p.37).

Nas duas primeiras décadas da imprensa em Belém (1820-1830), registrava-se o número de 40 jornais editados e impressos na capital (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). Muitos deles tiveram uma existência efêmera como, por exemplo, o jornal de sugestivo nome *O Brasileiro Fiel à Nação e ao Imperador*, de edição única, publicada no dia 6 de junho de 1829 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p. 18-19). Outros conseguiriam permanecer em atividade por mais tempo, como registra o jornalista Paulo Roberto Ferreira. Foi o caso do *Treze de Maio* (1840-1862) – que circulou por 22 anos – considerada “a publicação de mais longa duração no Pará, que surgiu antes da metade do século XIX” (FERREIRA, 2005).

Mas o periódico que inauguraria a imprensa na região seria *O Paraense*. Felipe Patroni, principal idealizador do jornal, estudava em Coimbra e vivenciou a eclosão da Revolução Constitucionalista de Portugal, em 1820. Embalado pelos ideais do movimento vintista, o bacharel arquitetava o projeto de instalar em Belém uma tipografia que fizesse circular o jornal e, por meio de suas páginas, formar e conduzir a opinião pública a partir das conquistas dos revolucionários portugueses.



O material tipográfico era usado e foi adquirido da Imprensa Nacional de Lisboa. Com a colaboração de Daniel Garção de Mello, Luiz José Lazier e João Antônio Alvarez, a edição inaugural foi publicada numa quarta-feira, 22 de maio de 1822, na capital da antiga Província do Grão-Pará, repercutindo na sociedade, mas, principalmente, entre as autoridades, como afirma Geraldo Mártires Coelho, importante pesquisador sobre a origem da imprensa no Pará:

O aparecimento de *O Paraense* em maio de 1822 foi, de fato, um acontecimento marcante para a vida pública da Belém de então. A correspondência que os governos civil e militar do Pará dirigiram a Lisboa não deixa dúvidas quanto ao impacto que o começo da imprensa produziu na Província. De uma maneira geral, esses documentos vão relacionar a ação da imprensa à idéia de anarquia (...). (COELHO, 2008, p. 35)

O jornalismo de *O Paraense* era identificado com os fundamentos políticos do Reino Unido de Portugal e do Constitucionalismo de 1820. O jornal ficou sob a orientação de Felipe Patroni até a sua sexta edição, quando o bacharel foi preso e deportado para Lisboa. A partir de então, o comando do jornal foi assumido pelo cônego Batista Campos, que mais tarde teria a sua imagem associada a um importante agente das idéias da Independência do Brasil. Em seguida, o cônego Silvestre Antunes Pereira da Serra substituiu Batista Campos.

O pioneiro jornal do Norte do país deixou de circular na sua 70ª edição, pois “a tipografia foi invadida e empastelada pelos militares em fevereiro de 1823, episódio que pôs fim à história do jornal fundado por Felipe Patroni” (VELOSO, 2009, p. 5). Coelho (1989) registra que a tipografia de *O Paraense*, após a extinção do jornal, seria utilizada para publicar *O Luso Paraense* (1823), com uma linha editorial que servia ao discurso colonial e colonizador do governo da província.

## 2. As folhas de *O Paraense*

Para esta análise foram selecionadas três edições do pioneiro jornal *O Paraense*. O acervo encontra-se disponível no setor de microfilmagens da Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém. Os números analisados do periódico foram o 1º (22/05/1822), o 6º (01/06/1822) e o 21º (31/07/1822). Devido ao longo tempo decorrido desde o seu primeiro número, a coleção está incompleta e algumas edições de *O Paraense* se encontram em condições quase que ilegíveis na microfilmagem.



De modo geral, as edições selecionadas possuem um conteúdo predominantemente político. Afinal, como já foi referido, o periódico surgiu sob forte influência dos ideais do movimento vintista português. No entanto, isso não transformava o periódico em apenas um instrumento de reprodução de idéias, mas, sim, num importante veículo crítico da situação social de então, como afirma Coelho:

(...) sua ação, como pode ser constatada, não foi passiva, não se deixou marcar apenas pela reprodução, sem maior originalidade, da semântica constitucional metropolitana. Em outras palavras, o primeiro momento do jornalismo paraense não praticou tão somente uma emolduração de idéias, mas atuou de maneira ativa como expressão de um pensamento político dinâmico: o da crítica, da rejeição à hipertrofia da autoridade militar colonial no Pará. (COELHO, 1989, p. 157)

Na sua edição inaugural, com o título “Noticias Nacionaes”, a primeira página do jornal publicou sete artigos sobre a “Lei de Liberdade de Imprensa”, de 4 de julho de 1821, uma das conseqüências da Revolução Constitucionalista em Portugal. Em seguida, foram apresentadas “As Bases da Constituição – Decreto”, que correspondiam aos princípios considerados os mais adequados para garantir os direitos individuais dos cidadãos e estabelecer a organização e os limites dos poderes políticos do Estado. Na mesma edição, publicou-se a recomendação das Cortes de Lisboa destinada aos bispos e arcebispos para que eles preparassem pastorais informando que as reformas políticas que se sucediam em nada ofendiam a religião Católica Apostólica Romana.

No final da sua sexta página – quatro e mais duas de suplemento –, mesmo com o material tipográfico adquirido em Lisboa, há um trecho que relata as limitações técnicas do jornal e a precariedade da incipiente imprensa naquela época:

Temos feito todos os esforços para que sahisse formosa a Impressão dos nossos Escritos, mas infelizmente a Província acha-se desprovida de todos os materiaes proprios ao alcance de tal fim, não há pergaminhos para tímpanos, nem coiros para balas, nem óleo capaz para tinta, nem negro de fumo: em uma palavra o melhor papel que se pôde alcançar he o Suplemento. (*O Paraense*, 22 de maio de 1822, Suplemento, p.6).

Na edição de número 6, as folhas do jornal são praticamente destinadas a discutir um só assunto: a prisão de Felipe Patroni pelo discurso proferido perante Dom João VI, em 22 de novembro de 1821 (COELHO, 2008, p.35). A primeira página da edição de 1º de junho de 1822 trazia um contundente “Requerimento dirigido a Exma. Junta Administrativa no dia 29 de maio”. Nele, é apresentado o caráter louvável de



Patroni como defensor dos interesses da Província do Pará junto a Lisboa e pede-se que a Junta tome providências em relação à injustiça praticada contra aquele, que segundo o periódico, “é um cidadão cujo crime foi advogar com zelo os interesses do seu país natal” (*O Paraense*, 01/06/1822, p.4).

No dia 31/07/1822, publicava-se a edição de número 21 de *O Paraense*. Em sua primeira página, com o título “Relação dos Parochos”, os vigários das localidades de “Villa de Vigia, Lugar d’Odivellas e Villa de Conde” são apresentados como aqueles que cumpriram a ordem de estruturar o Sistema Constitucional junto aos fiéis da Igreja Católica. Na mesma edição, uma carta publicada com o título “Segurança Pública”, critica a impunidade e a maneira como as autoridades tratam os homicidas em plena Belém do século XIX. A correspondência assinada por “Hum Cidadão Pacífico” também afirma o uso freqüente de armas, principalmente por negros:

(...) acabou-se esse tempo, hoje impera a Lei, não a vontade, e aos encarregados de conservar a tranqüilidade, e sossego público, rogamos olhem com atenção para o imoderado uso que (principalmente os homens de cor) fazem de facas, e outras armas proibidas, porque do contrario nem no sagrado asilo de sua casa se pode dar por seguro. (*O Paraense*, 31/07/1822, p.3).

Como se pode perceber, a temática mais freqüente nas edições iniciais do primeiro jornal impresso da então capital da Província do Grão-Pará era de conteúdo político. Isso não exclui a existência de outras temáticas, como religiosa, econômica, policial e militar, que, de alguma maneira, também estabelecem uma relação com a política.

### **3. *O Sagitário* e *A Sentinella* entre conservadores e liberais**

Na Belém do Brasil Império, no dia 8 de outubro de 1829, publicava-se o primeiro número do jornal *O Sagitário*, um “órgão dos liberais moderados”, ligados ao Partido Conservador (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p.19). Na verdade, o jornal assumia um posicionamento contrário ao discurso anti-imperial de outros periódicos. *O Sagitário* buscava assolar a imagem do cônego Batista Campos, que tinha uma ligação muito estreita com o discurso anti-imperial. Em contrapartida, outros jornais assumiam a postura do cônego como, por exemplo, *A Sentinella Maranhense na Guarita do Pará*, redigido pelo cearense Vicente Ferreira Lavor Papagaio, mandado vir do Maranhão pelo próprio Batista Campos. Baseando-se nas informações de Sodré



(1966) e Veloso (2009), o Quadro 1<sup>4</sup> abaixo sintetiza o posicionamento dos principais periódicos de Belém durante esse período:

<b>Conservadores</b>	<b>Liberais</b>
O Sagitário (1829-1830)	Orphêo Paraense (1831)
A Opinião (1831)	A Luz da Verdade (1832-1833)
O Despertador (1832)	O Paraguassú (1832-1833)
Correio Oficial Paraense (1834-1835)	O Publicador Amazoniense (1832-1834)
O Desmascarador (1834)	A Sentinella Maranhense na Guarita do Pará (1834)

Quadro 1: A relação entre grupos políticos paraenses e a imprensa de Belém no Brasil Império.

Para análise, consideremos a única edição disponível de *O Sagitário*. Publicada no dia 25 de fevereiro de 1830, já no segundo trimestre, a edição de número 21 encontra-se bastante deteriorada. Na primeira página do jornal é dado destaque ao processo criminal em que o réu era o ex-presidente da Província do Grão-Pará, José de Araújo Roza, nomeado por D. Pedro I em agosto de 1823. Segundo o jornal, o ex-presidente havia impedido que o então Comandante das Armas da Província, José Inácio Borges, tomasse posse. Em seguida, é apresentada a decisão do processo: a absolvição do réu.

O jornal *A Sentinella Maranhense na Guarita do Pará*, sob a responsabilidade de Camillo José Moreira Jacarecanga, surgiu substituindo o periódico *O Publicador Amazoniense*, um importante agitador no processo que culminaria com a revolta regencial da Cabanagem. *A Sentinella*, com a epígrafe “Sem rei existe um povo, sem povo não há nação, os brasileiros só querem Federal Constituição”, era redigido pelo “virulento” (SODRÉ, 1966, p.152) Lavor Papagaio e sua numeração dava seqüência ao extinto *Publicador Amazoniense*.

No editorial da primeira página, na edição de 26 de setembro de 1834, com o título “Cidade de Belém do Gram Pará”, Lavor Papagaio apresenta de forma contundente a linha política do jornal, juntamente com a coragem e o caráter do periódico principalmente no combate à censura e aos abusos de autoridades e empregados públicos da província.

<sup>4</sup> Os jornais presentes no quadro não possuem edições disponíveis no setor de microfilmagens da Biblioteca Pública Arthur Vianna, com exceção dos periódicos analisados neste artigo, *O Sagitário* e *A Sentinella Maranhense na Guarita do Pará*.



Em “Publicação a pedido e reflexões”, o jornal denuncia o recrutamento do comerciante Eduardo Francisco Nogueira Angelim, deixando suas irmãs – Ana Maria do Espírito Santo e Bitá Bárbara do Espírito Santo – vindas do Ceará em situação de risco, já que elas eram sustentadas por ele. Prado Júnior (1979) cita o caso de Eduardo Angelim como um democrata ardente e que teve um papel de destaque na Cabanagem. O historiador também analisa o recrutamento intensivo para o Exército e a Armada como

(...) um processo especialmente impopular (...) e que seria sucessivamente adotado com grande sucesso pelas situações dominantes em todo o correr do Império. (...) Era um expediente prático e eficaz, perfeitamente enquadrado nas normas legais, e que permitia o sumário afastamento pela incorporação às forças armadas de qualquer elemento incômodo aos governos. (PRADO JÚNIOR, 1979, p.66)

Ainda nessa edição, uma correspondência enviada por “Hum que o conhece”, em tom de ironia, põe em dúvida a necessidade do ofício emitido pelo então presidente da Província do Grão Pará, Lobo de Sousa, requisitando a admissão do major pernambucano Manoel Machado da Silva Santiago para prestar serviços à capital da província. O jornal assume uma posição contrária à admissão do militar.

Na quarta e última página, notas curtas são publicadas no jornal. Primeiramente, declara-se que o comerciante Eduardo Angelim foi liberado. Logo após, o assunto é o assassinato de “um brasileiro nato” chamado Clemente, morto por um soldado desertor que atende pela alcunha “Garrote” e que ainda estava foragido, mesmo já tendo cometido outros crimes. Encerrando a edição, o cônego Batista Campos, com o título “Ao respeitável público”, fala sobre a acolhida a Lavor Papagaio, destacando o patriotismo do redator cearense, e que, a partir daquele momento, *A Sentinella Maranhense na Guarita do Pará* substituiria *O Publicador Amazoniense*, pedindo aos antigos leitores que permanecessem fiéis ao novo periódico.

#### **4. *A Voz das Amazonas* e o *Treze de Maio*: periódicos oficiais**

O jornal *A Voz das Amazonas*, administrado pelo cônego Silvestre Antunes Pereira da Serra, teve o seu primeiro número publicado no dia 3 de fevereiro de 1827 e funcionava como um órgão do governo. Alguns anos depois, no dia 13 de maio de 1840, publicou-se a edição inaugural do periódico *Treze de Maio*, fundado por Honório José dos Santos, também um órgão oficial e noticioso. O nome do jornal fazia uma

referência ao dia em que as “tropas legais” ocuparam a capital da província e venceram os últimos resistentes cabanos, como registra Prado Júnior (1979):

Em abril de 1836 chega ao Pará uma poderosa esquadra trazendo o novo presidente legal, o Brigadeiro Francisco José de Sousa Soares de Andréias. Depois de alguma luta, consegue o brigadeiro efetuar um desembarque, e ocupa a capital a 13 de maio. Os cabanos, refugiados no interior, já não podiam oferecer grande resistência. Atacados por forças consideravelmente superiores, vão cedendo terreno, e perseguidos sem quartel pelas armas legais, são afinal completamente esmagados. (PRADO JÚNIOR, 1979, p.69)

Tanto *A Voz das Amazonas* quanto o *Treze de Maio* apresentam características que se assemelham com a postura editorial da *Gazeta do Rio de Janeiro*, ou seja, pretendiam cumprir as funções de “um órgão que desse conhecimento e publicidade aos atos do governo” (COELHO, 2008, p.24). Sodré (1966) agrupa os periódicos que possuem esse apelo burocrático e que também funcionam como um porta-voz do setor administrativo junto à sociedade, na chamada imprensa áulica do início do século XIX.

No caso da *Voz das Amazonas*, por exemplo, a edição do dia 5 de março de 1827 (número 7), apresenta em sua primeira página, com o título “Gram Pará” e logo em seguida “Artigos Officiaes”, uma louvação à prestação de socorro por parte do governo do Grão-Pará a uma embarcação que se encontrava encalhada. Além disso, “O Redactor” menciona outros casos em que a presidência da província prestou auxílio a outras embarcações com o mesmo tipo de problema, e justifica que “hum acto semelhante, ou qualquer auxilio que se preste a humanidade aflicta, sempre terá os nossos louvores, e igualmente os terá de todos os homens filantropos.” (*A Voz das Amazonas*, 5 de março de 1827, Reflexões, p.1).

Outros assuntos oficiais ganharam destaque na edição do jornal. Um discurso pronunciado pelo “Juiz de Fora pela Lei” na ocasião da chegada a Cameté do Governador das Armas da província foi publicado na íntegra. A abertura de uma aula militar feita pelo mesmo Governador das Armas também foi mencionada na publicação.

Na primeira edição do *Treze de Maio*, no dia 13 de maio de 1840, o editorial ou “prospecto” do jornal define o conteúdo que seria publicado no periódico: “A propalação dos actos administrativos do Governo, o commercio, a industria, a instrucção publica, os melhoramentos enfim da Provincia são o assumpto principal a que nos dedicamos.” (*Treze de Maio*, 13 de maio de 1840, Prospecto, p.1). Em meio as suas seis páginas, há um espaço definido como “Parte Official”, em que as ordens do



governo da província são publicadas e assinadas pelo próprio presidente, no caso, João Antônio de Miranda, ao Inspetor da Tesouraria da Fazenda, ao Comandante das Armas, e ao presidente e vereadores da Câmara Municipal. Posteriormente, no jornal é publicada uma nota em que o presidente da província estima as melhoras do então bispo do Pará, Dom Romualdo de Souza Coelho. Além disso, um assunto recorrente nessa edição é a missa de ação de graças ao dia 13 de maio.

*A Voz das Amazonas* (1827-1828) e o *Treze de Maio* (1840-1862), periódicos que cumpriam as funções de órgãos oficiais, de acordo com as suas posturas editoriais, não davam destaque aos problemas sócio-políticos e econômicos em suas páginas, principalmente aqueles que conflitavam com os interesses ou prejudicavam o governo da província.

### **Conclusão**

Tendo em vista a proposta deste artigo que buscava por meio de análise bibliográfica, documental e de conteúdo, identificar nas edições de alguns jornais de Belém, publicados entre as décadas de 1820 e 1830, a predominância do caráter político e, também, religioso, é notável no desenrolar da pesquisa a estreita relação que a imprensa paraense nesse período mantinha com essa temática.

No caso de *A Sentinella Maranhense na Guarita do Pará*, as críticas ao presidente da província dominavam o discurso do periódico, tanto que houve uma suspensão do jornal na sua segunda edição. Em outro momento, com o *Treze de Maio*, o posicionamento editorial servia apenas para reproduzir as idéias defendidas pelo governo da província.

A religião, especificamente a Católica, também fazia parte dos assuntos publicados na maioria dos jornais da época. Uma missa de ação de graças e o estado de saúde do bispo, por exemplo, eram informações presentes nas folhas de alguns periódicos.

Atualmente, percebe-se que a relação entre imprensa, política e religião existe. No entanto, comparando o posicionamento dos jornais paraenses do início do século XIX, que apresentavam e se envolviam com a temática político-religiosa de uma maneira intensa, com os jornais de hoje, essa relação é, ou pelo menos tenta ser, menos evidente.



## Referências bibliográficas

BELLIDO, Remijio de. **Catalogo de jornaes paraenses: 1822-1908**. Pará: Imprensa Official, 1908.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo. 1985.

COELHO, Geraldo Mártires Coelho. **Letras & Baionetas**. Belém: Cultural CEJUP, 1989.

\_\_\_\_\_. Imprensa, idéias e poder: o surgimento da imprensa no Pará. **PZZ Pará Zero Zero**. Publicação bimensal da Editora Resistência. P. 22-39, Ano II, nº 5, Ago./Set. 2008.

FERREIRA, Paulo Roberto. **Mais de 180 anos de imprensa na Amazônia**. Trabalho apresentado no 3º Encontro Nacional da História da Mídia, promovido pela Rede Alfredo de Carvalho, realizado de 14 a 16 de abril de 2005, em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, no *campus* da Feevale. Apresentado no Grupo de Trabalho de História da Mídia Impressa. Acesso no *site* da Rede ([www.redealcar.com.br](http://www.redealcar.com.br)), 2005a.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Uma história impressa: os jornais paraenses, 1822-1922 (primeira parte). **ZYG360.com**. Publicação trimestral da Fundação de Telecomunicações do Pará. P. 36-38, Ano I, nº 4, Nov. 2008.

GOMES, Laurentino. **1808**. 3ed. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2009.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Evolução Política do Brasil e outros estudos**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **Jornais Paraoaras – percurso da mídia impressa em Belém**: projeto de pesquisa. Pará: UFPA, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

VELOSO, Maria do Socorro Furtado. **A ferro e fogo**: conflitos no primeiro século da imprensa paraense. Trabalho apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências



da Comunicação, realizado de 4 a 7 de setembro de 2009, em Curitiba, Paraná. Apresentado no DT-1 (Jornalismo), GP História do Jornalismo. Acesso no site da Intercom ([www.intercom.org.br](http://www.intercom.org.br)), 2009a.